



Imagens antigas: o professor, o aluno e a sala de aula veiculados pela publicidade governamental¹

Rogério Pelizzari de Andrade²

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Resumo

O presente artigo tem por finalidade refletir sobre as imagens veiculadas pelas publicidades governamentais a respeito do professor, dos alunos e da sala de aula. Parte-se do pressuposto de que há uma série de elementos comuns nestes produtos de comunicação, que apesar de criados em diferentes regiões do país, de culturas e características variadas, assumem formas padronizadas de representação. Mais do que isso, tal constituição imagética seria calcada em um modelo educacional que é alvo de constantes críticas. Para compor a análise, dez filmes produzidos por administrações municipais e estaduais foram selecionados. Integram o presente trabalho ainda discussões a respeito de formas tradicionais de educação, a idéia de emancipação, preconceito e estereótipos.

Palavras-chave

Professor; imagem; publicidade governamental; educação.

Benjamin e a imagem da escola tradicional

Algumas e poucas palavras parecem bastar para a identificação do cenário. Uma mulher de meia idade está em pé e fala. Usa óculos de grau de armações grossas, avental branco, eventualmente pode estar segurando uma régua de madeira ou um livro aberto. Há um quadro negro ou verde, giz, um bocado de anotações ou expressões matemáticas aos quais a oradora recorre de quando em quando. Crianças uniformizadas estão sentadas em conjunto de mesa e cadeira, organizadas em fileiras e assistem atentamente às *explicações*. De vez em quando uma ou outra levanta a mão para fazer perguntas ou

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, no XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação Social pela Universidade São Judas Tadeu – USJT, especialista em Gestão de Processos Comunicacionais pela ECA/USP, mestrando em Ciência da Comunicação do Programa de Pós-Graduação da ECA/USP. Publicitário e jornalista, trabalha na Secretaria Executiva de Comunicação da Prefeitura de São Paulo, é consultor e professor no Centro Universitário FIAM-FAAM. Endereço eletrônico: rpelizzari@usp.br



tentar responder a desafios lançados pela falante. Também não faltam livros, cadernos, lápis, borracha e caneta.

O breve relato dispensa nomeações prévias por revelar um clichê bastante familiar do qual fazem parte o professor e os alunos, na sala de aula, em plena (e suposta) *representação* daqueles que seriam os seus devidos papéis: o primeiro ensina, enquanto que os últimos aprendem.

Os debates promovidos em torno dos desafios da educação, que deveria ser revista em tempos marcados pela intensa influência dos meios de comunicação nas relações humanas e nas interações sociais, parecem dar conta de um novo modelo. Amplamente discutido por estudiosos, pedagogos e, de certa forma, pela própria sociedade, ele se basearia em alternativas mais democráticas de ensino, onde prevaleceria a participação maior dos alunos, o estímulo e ampliação do diálogo e a proximidade entre educadores e estudantes. Também seriam valorizadas a utilização de novos recursos, como os aparatos tecnológicos, e de novas linguagens, sobretudo aquelas que representassem as vivências e experiências individuais e coletivas dos aprendizes.

A idéia de mudança não chega a ser nova. Ainda que haja discordância em relação ao que exatamente, de que maneira e por meio de quais métodos, prevalece o entendimento de que algo *tem* de ser feito. Considerando-se as novas configurações e as demandas que caracterizam os dias de hoje, a discussão, que assume papel de centralidade inclusive nos *media*, parece se voltar para a tese de que existe um modelo conservador, superado, e que precisa ser substituído.

Especialmente se considerado o conteúdo jornalístico, que apesar das variações nas editoriais em que as mensagens serão veiculadas, quais sejam “Cidades”, “Policial”, “Política”, “Economia”..., raramente se distancia desta questão de fundo. Os professores despreparados e mal pagos, as escolas em condições precárias, a má avaliação, o material didático questionável, a violência em sala de aula, entre outros, são temas que de alguma forma acabam por convergir para a idéia de atraso e de obsolescência.

A descrição do ambiente escolar e de suas personagens feita nos dois primeiros parágrafos deste artigo faz remissão a uma *imagem* que, pode-se dizer, em muito se aproxima do modelo tradicional da educação. A professora tipificada, detentora do conhecimento, que ensina e transmite conceitos aos alunos. Estes assumem posição passiva, apenas ouvem ou falam (eventualmente) quando autorizados. Aprendem por meio dos registros anotados na lousa, pelo conteúdo de livros e apostilas, pelas palavras proferidas pela mestra.



Estão ausentes deste cenário, portanto, o diálogo, a colaboração, as individualidades, as referências do cotidiano.

Tal abordagem, como já foi dito, não chega a ser nova. Já no início do século XX, o menino Walter Benjamin, que freqüentava os bancos escolares, *desenhava* em suas incursões por uma das ocupações prediletas da infância, “a decalcomania” (BENJAMIN, 1987, p.119), os contornos de uma instituição que pouco favorecia a criatividade e o prazer para se vincular muito mais à obrigação e às formas burocráticas de aprendizagem.

Em *A idéia de formação na modernidade*, Bolle resgata esta face do pensamento benjaminiano presente em textos como *Infância berlinense por volta de 1900* e *A vida dos estudantes*. Ao retomar os tempos de criança, o teórico alemão, que “estava muito atento e engajado nas formas que a instituição de ensino tinha e as que poderia ter” (BOLLE, 1997, p.10), critica uma estrutura que para ele não estimulava os alunos, nem buscava transformar o exercício do conhecimento em uma experiência libertária para os aprendizes e que, no limite, talvez sequer significasse um momento de descoberta.

Significativamente, uma das imagens da decalcomania de que nos fala a criança do nosso *tableau* mostra uma “classe atenta ao professor que no quadro negro lhe representa algo”. O verbo traduzido aqui por representar é *vormachen*, no original – uma palavra ambígua, podendo significar “ensinar”, mas também “fingir”. (1997, p.11)

O adulto que narra suas memórias da infância lembra que era na escrivãzinha de casa, mais do que na carteira da escola, que ele tinha o encontro com o saber. Livre das exigências manifestas nas avaliações, notas e “correções ali registradas em tinta vermelha” (1987, p.120), ele se sentia protegido, livre para pensar e criar como bem entendesse.

O presente trabalho parte deste entendimento acerca da imagem da educação para analisar filmes publicitários desenvolvidos por governos estaduais e municipais de diferentes regiões do Brasil. A hipótese da pesquisa se inspira na idéia de que ao promover ações, campanhas e políticas públicas, estes entes administrativos criam peças que *compõe uma forma de representação do ambiente escolar que se aproxima daquele sugerido por Benjamin*.

Mais do que isso, a expectativa é de que apesar de originários de diferentes programas, partidos, localidades, culturas e demandas sociais, é possível estabelecer uma unidade entre estes filmes. Isto é, a caracterização do professor, dos alunos e da sala de aula, bem como o comportamento das personagens que integram este cenário, obedecem a



um padrão. A senhora de meia idade, trajada com a indumentária da mestra, os estudantes vestidos todos iguais, obedientes e em silêncio; anotações de giz na lousa; aulas que se parecem com monólogos, sem interação ou interatividade, etc.

Contudo, antes de abordarmos diretamente o estudo, julgamos oportuno trilhar um caminho, que passa pelo aprofundamento de questões previamente expostas no presente artigo. Ao rever o formato de educação considerado conservador e ultrapassado, amplamente criticado por diferentes setores da sociedade, pretendemos abordar temas como o desafio da emancipação, o conceito de disciplina, a contraposição de um ideal de formação em relação ao de formação.

Cabe reforçar que tais aspectos serão tratados, na medida do possível, sob a perspectiva da *imagem*. Neste contexto, julgamos oportuno também mencionar noções de estereótipo e preconceito.

Emancipação e disciplinas como *olhares* distintos sobre a educação

O ponto de partida desta discussão guarda relação com um tema caro a Theodor Adorno e seu entendimento acerca do ensino formal. Constituído na antítese do que considera propostas cerceadoras de formação intelectual, que minam a capacidade de pensar dos estudantes e que os direcionam a um meio de conhecimento instrumentalizado, voltado estritamente à capacitação profissional e às expectativas do mercado, o pensamento do filósofo alemão se baseia na premissa de que a educação é, em primeiro lugar, um ato de emancipação. Neste sentido, ela deveria estar voltada ao desenvolvimento da autonomia dos indivíduos. As aptidões intelectuais estimuladas não como forma de atingir a disciplina, a retidão e a obediência, mas como potencial de exercitar a criatividade, de lapidação do espírito crítico e de exaltação das individualidades.

As propostas pedagógicas que vigoram desde a Revolução Francesa e que pouco teriam se aperfeiçoado desde então, no entendimento de Adorno, em nada se aproximam deste ideal libertário. Muito pelo contrário, parecem valorizar justamente características que tendem a limitá-lo, como a ordem e a disciplina.

A análise da obra *Educação, autoridade, responsabilidade – reflexões para uma ética pedagógica*, escrita por Ernest Linchtenseteinm, municia esta posição refratária em relação à escola convencional e seu caráter senil. Defensor de um modelo calcado na autoridade e na ordem, ele entendia como ameaça ou manifestação da decadência todo e



qualquer expressão ou comportamento que estivesse à margem do sentido de obediência. E dentre as expressões que melhor se ajustariam à *imagem* ideal das instituições de ensino estariam o *respeito, a ordem e o compromisso*.

A crítica de Adorno ao pensamento de Linchtenseteinm se direciona justamente ao que ele carrega de essência. A disciplina e a ordem, as regras e os ditames impingidos pela instituição representam uma forma de aprisionamento enquanto que a finalidade da escola deveria ser exatamente oposta.

Mas, no lugar de emancipação, encontramos um conceito guarnecido nos termos de uma ontologia existencial de autoridade, de compromisso, ou outras abominações que sabotam o conceito de emancipação atuando assim não só de modo implícito, mas explicitamente contra os pressupostos de uma democracia. (ADORNO, 2006, p.172)

Ainda sob a perspectiva da *disciplina* e de seu papel no contexto da educação, Chervel faz menção ao duplo sentido da palavra no ambiente escolar. Originalmente vinculada à idéia de “vigilância dos estabelecimentos, à repressão das condutas prejudiciais à sua boa ordem e aquela parte da educação dos alunos que contribui para isso” (1990, p.178), ela também se direciona aos meios de organização dos assuntos, suas formas demarcatórias e os limites estabelecidos entre eles. Isto é, o termo é admitido também para estabelecer a divisão entre *matérias*: matemática, língua portuguesa, história, geografia...

Não totalmente desvinculado de sua primeira acepção, o termo disciplina foi aprimorado a partir de um modelo pedagógico que se desenvolve depois da segunda metade do século XIX, e que se caracteriza pela “estreita ligação com a renovação das finalidades do ensino secundário e do ensino primário”. Neste sentido, haverá uma aproximação com o que se convencionou chamar de “ginástica intelectual.” (1990:179) Por um lado, a possibilidade de especialização dos docentes e o aproveitamento das aulas de acordo com assuntos específicos. Por outro, o aumento do grau de complexidade à medida que os estudantes adquirem novas habilidades e se desenvolvem nelas.

Se a idéia de emancipação explorada por Adorno for mais uma vez revista, pode-se constatar que, seja do ponto de vista do controle, do respeito e da ordem, seja na perspectiva da organização das temáticas, é possível identificar a criticada parametrização, que estabelece regras e limita a capacidade e o papel dos atores que atuam no chamado processo educacional. O professor que monopoliza e toma para si o poder da palavra não apenas silencia o aluno, mas esteriliza suas próprias possibilidades



de desenvolvimento, que poderia se manifestar no eco, na reverberação e nas posições refratárias.

Formar e transformar

No tempo sem tempo, no tempo que não há, o ideal de *formação* aristotélico parece viver sob abalos. O ponto de vista que prevaleceu por mais de dois mil anos, que dá conta de verdades universais e de um homem que é uma espécie de pedra bruta a ser lapidada dá espaço ao argumento oposto, nascido do pensamento de Nietzsche, que, num sentido radical da percepção acerca da aquisição do conhecimento, valoriza mais o processo de *transformação*. Ao homem cabe anarquizar o tradicional, reinventá-lo, opor-se a ele. Neste caso, é a metáfora da água a ser usada. Líquida, incapaz de ser contida, de se fixar, trilha diferentes caminhos, sem direção certa, além de poder assumir momentaneamente outros estados (líquido e gasoso).

Silva Rocha desenvolve esta reflexão, que contrapõe as idéias de Aristóteles e Nietzsche sob a ótica da educação, no artigo *Tornar-se quem se é: educação como formação, educação como transformação*. Ao mencionar as trajetórias pelo caminho do conhecimento, ela pondera a respeito da possibilidade de se desenvolver projetos pedagógicos em uma época em que predominam as formas intangíveis, voláteis e incertas de se efetivar a aprendizagem.

A metáfora da pedra bruta a ser esculpida é apropriada para se referir às estratégias definidas nos programas e aplicadas em sala de aula. Os estudantes entram em contato com um universo de teorias, conceitos, normas, símbolos, índices, fórmulas, teoremas..., que se acumularam ao longo do tempo e cumprem o papel de percurso entre o estágio abstrato, sem delimitações claras, para o concreto e bem definido: “A formação é, portanto, passagem do mais indeterminado ao mais determinado.” (2006, p.269)

A concepção nietzschiana revelada pela autora se alinha ao entendimento de que o sujeito não é forjado a partir de um determinado ponto inicial e disforme para um fim específico. O indivíduo se constitui a cada nova experiência, que tem como resultado a apropriação do saber. Processo este, que, convém salientar, distancia-se de qualquer pretensão de consolidação, acúmulo ou estatismo. “A possibilidade de constantemente se reinterpretar, se reinventar, diferir de si mesmo” (p.271) é quase que uma negação do



que foi, do que era, uma ação de desligamento da noção de memória, a “permanente disponibilidade de romper com aquilo mesmo que se reconhece como ‘eu’”. (p.272)

Outro autor que aborda a instabilidade dos nossos dias, mas a partir de uma concepção especialmente voltada para a sociedade de consumo, é Zygmunt Bauman. O sociólogo polonês, que ficou conhecido por cunhar expressões como *sociedade líquida*, *modernidade líquida* e *amor líquido*, faz um retrato pouco animador acerca das condições, dos hábitos, da cultura atual. A ausência de um mundo palpável, ou melhor, a substituição de uma *realidade* tangível, sólida, possível de se apreender, por outra que se caracteriza pela inconsistência, pela imprevisibilidade, onde o que vale é o descartável, o substituível, o imediato e o efêmero, num tempo em que, como ele mesmo escreve, “caminhar é melhor do que ficar sentado, correr é melhor que caminhar e surfar é melhor que correr” (2009, p.661), observa-se uma priorização pela mobilidade (e em alta velocidade!) em detrimento do estático. Comprometimento é quase sinônimo de inflexibilidade, um fardo que pode significar estagnação e desatualização. Em síntese, viver no século XXI é estar atento para o novo de todos os dias, que nasce quase velho e, não raro, morre antes do alvorecer.

No mundo líquido moderno, de fato, a solidez das coisas, tanto quanto a solidez das relações humanas, vem sendo interpretada como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, compromissos a longo prazo, prenunciam um futuro sobrecarregado de vínculos que limitam a liberdade de movimento e reduzem a capacidade de agarrar no vôo as novas e ainda desconhecidas oportunidades. (BAUMAN, 2009, p.662)

A situação de crise, entretanto, não invalida as análises sobre o presente, que sugerem caminhos, no sentido de se construir o novo, o amanhã, o depois de amanhã. O diagnóstico feito também por Martin-Barbero (2002), que nos classifica como membros de uma *sociedade da educação*, revista por Orozco (2004), que crê ser mais adequado considerá-la *sociedade da aprendizagem*, vai ao encontro desta perspectiva.

Parece aceitável considerar que estamos submetidos a um processo de descentralização. Transita-se de uma educação fundamentalmente definida pelos padrões clássicos, para outra em que existem distintas fontes, muitas origens e boa parte delas em nada se relaciona com as instituições formais.

Houve um tempo em que a missão dos professores era claramente definida e estava centrada no *ensinamento*, na transmissão do conhecimento. A relação entre alunos e mestres parecia mais clara, com contornos nítidos. Cabia ao educador, conduzir os educandos pelo caminho do saber.



Da concretude para a liquidez, vivemos dias nos quais o que antes era palpável hoje escorre pelas mãos. O maior desafio das práticas de ensino é encontrar alternativas que leve em consideração essa idéia de transitoriedade.

Estereótipo, preconceito e imagem

Um último ponto será abordado antes da apresentação da análise a que o presente artigo se propõe. Até por conta das características dos filmes publicitários, que são feitos de maneira que as personagens, os cenários e os contextos que deles fazem parte sejam facilmente reconhecidos, não raro, servem-se do recurso da ultrageneralização, do estereótipo e do preconceito. É comum que tais peças criem tipos, envolvidos em signos que permitam a fácil percepção e que não necessariamente representam a realidade, mas uma representação imagética simplificada, com frequência equivocada e distorcida.

Como destaca Heller, este caráter ultrageneralizador é inevitável na vida cotidiana e, via de regra, chegamos a ele por intermédio de dois caminhos. “Por um lado, assumimos estereótipos, analogia e esquemas já elaborados; por outro, eles nos são ‘impingidos’ pelo meio em que crescemos”.(1985, p.44)

Em ambos os casos, parece que o fator cultural, que as experiências coletivas, são determinantes para a composição da *imagem*, da leitura estereotipada. Fruto da herança social, que é transmitida, recebida, intercambiada e alterada, é também produto da reflexão individual, negociada pela linguagem.

Enquanto ponto de partida social do pensamento individual, a linguagem é a *mediadora* entre o que é social, dado, e o que é individual, criador, no pensamento individual. Na realidade, a sua mediação exerce-se nos dois sentidos: não só transmite aos indivíduos a experiência e o saber das gerações passadas, mas também se apropria dos novos resultados do pensamento individual, a fim de os transmitir – sob a forma de um produto social – às gerações futuras. (SCHAFF, 1974, p.250-251)

O entendimento parece, de certa forma, explicar os motivos pelos quais uma situação que não é vivenciada exatamente da forma que se nos apresenta pelo filme publicitário é aceita como tal.

Para melhor elucidar a abordagem, convém tomar como exemplo as próprias campanhas educacionais que fazem parte da presente análise. Ainda que a idéia de sala de aula organizada, de alunos comportados, devidamente uniformizados, felizes e silenciosos possa não corresponder com a realidade, trata-se de uma *simulação do ambiente*



escolar, que pode fazer parte do senso comum, do entendimento coletivo a respeito da atividade.

A mulher de meia idade, vestida de avental, que usa óculos de grau e está de cabelo preso corresponde ao entendimento geral acerca de qual é a *imagem da professora*? É provável. E mesmo que este perfil não corresponda com aquele que o aluno lida todos os dias, nas diferentes disciplinas que acompanha durante o ano letivo.

A respeito dos produtos dos meios de comunicação, como argumenta Lippman, pode-se dizer ainda, que há uma tendência pela absorção daquilo que é veiculado sem leituras prévias ou interpretações.

As fotografias têm hoje sobre a imaginação a espécie de autoridade de que a palavra impressa tinha ontem e, antes dela, a palavra falada. Parecem absolutamente reais. Cuidamos que nos cheguem diretamente, sem intervenção humana, e são, para o espírito, o alimento mais fácil que se pode imaginar. (...) Na tela, porém, todo o processo de observar, descrever, relatar e depois imaginar já foi realizado para nós. (1980, p.158)

Para confirmar o postulado seria necessário realizar um estudo inteiramente voltado para questões que não são contempladas aqui. Em todo o caso, por mais que fuja aos objetivos originais do trabalho, arriscamos lançar a hipótese de que a imagem coletiva amplamente aceita do ambiente escolar, acima das críticas e denúncias relacionadas a uma instituição que não funciona, é ou pode ser conservadora.

Metodologia

O corpus desta análise é composto por dez filmes publicitários, desenvolvidos por duas cidades, três estados, além do Distrito Federal. São eles: um de Mossoró, um de Florianópolis, um da capital paulista, dois do Ceará, um de Santa Catarina, dois do estado de São Paulo e um de Brasília.

O levantamento foi realizado entre os dias 14 e 15 de janeiro de 2011 no sítio do *YouTube*³. Com o propósito de promover a estratificação da busca e trabalhar com uma base menos dispersa, optou-se por refinar o levantamento por meio de expressões entre

³ www.youtube.com



aspas: “campanhas publicitárias de educação”, “publicidade de educação”, “educação” e “publicidade”, “Secretaria de Educação”, “Secretaria” e “Educação”, “educação” e “campanha”.

Os critérios iniciais de seleção eram filmes institucionais, produzidos por governos municipais ou estaduais, com o propósito de divulgar ações e políticas públicas. Os resultados decorrentes foram integralmente analisados, sem que se recorresse às navegações em *hiperlinks*, a fim de se preservar o mínimo de controle em relação às expressões pesquisadas.

A primeira captação gerou um volume de 87 vídeos, produzidos por 16 diferentes Estados e 22 municípios.

Os parâmetros utilizados para que se chegasse ao número final e, sobretudo, que tornaram os produtos aptos para a análise futura foram o (1) tamanho não superior a dois minutos e (2) a necessidade de haver, nestes filmes, o que pode ser chamado de *simulação do ambiente educacional*.

Dito de outra forma, só foram admitidas peças com formato próprio para veiculação em TV e nas quais as figuras do professor, dos alunos e da sala de aula estivessem em pleno exercício de seus papéis. Os professores que dão aula, os alunos que assistem, em uma sala em específico.

Se o filme tivesse o mínimo registro deste cenário, por menor que fosse a participação em relação tempo total da peça, já seria suficiente para admiti-lo como componente da análise. Aliás, para o estudo promovido posteriormente, apenas estes fragmentos dos filmes foram considerados. Por outro lado, descartou-se qualquer outro referencial, como tomadas externas, obras, depoimentos, etc. Isto porque como foi dito repetidas vezes, a intenção primeira era verificar a *imagem* construída em relação a estas personagens e entendemos que *seus papéis tenderiam a ser melhor representados no mencionado ambiente de simulação*.

Por fim, como critério da análise básico dos filmes, julgamos essencial considerar quatro tópicos distintos:

- Como os professores são caracterizados fisicamente?
- Como os professores se comportam?
- Como os alunos se comportam?
- Quais são as características das salas de aula?



Análise dos filmes institucionais de educação

Um quadro sintético, que será apresentado na página seguinte, foi produzido para melhor elucidar os resultados alcançados com o estudo dos filmes publicitários. Levando-se em consideração os números consolidados, percebe-se a tendência à generalização previamente postulada.

A soma do tempo de todas as peças atinge os 6 minutos e 30 segundos. Destes, 2 minutos e 26 minutos retratam o que chamamos de *ambiente educacional*. Portanto, quase 40% do tempo utilizado são registros imagéticos que se caracteriza pela simulação da aula, em uma sala, com a presença da professora e de alunos.

Exatos 29 professores são apresentados, nas condições determinadas para a análise, ao longo dos 10 filmes. Destes, 27 são do sexo feminino, do qual 15 (ou 56%) estão na meia idade, 17 (62%) vestem avental e 12 usam óculos de grau. Curioso imaginar, em relação a este último, que a incidência de míopes entre as docentes - quase 45% do universo total - parece razoavelmente superior à média da população brasileira.

Por estes números se observa, portanto, um tipo físico que carrega traços característicos. Mulher, acima dos quarenta anos, de cabelos curtos ou presos, que usa óculos de grau e avental.



Quadro analítico - Filmes Institucionais de Secretarias de Educação

Ente promovido	Tempo total	Em sala de aula	%	Total de professores	Características físicas dos professores	Comportamento dos professores	Comportamento dos alunos	Características da sala de aula
Secretaria de Educação de Mossoró	30s	10s47	36,7	1	Professora, meia idade, avental branco, cabelo preso, óculos de grau, saia bege	Em pé, ensina, fala, explica	Sentados, organizados, quietos, ouvem, fazem lição no caderno e sorriem	Quadro negro com matéria, fileiras com carteiras, ordenadas e limpas
Casa Civil do Governo do Ceará	30s	10s61	36,7	2	(1) Professora jovem, calça social bege, blusa e lenço verde no pescoço, óculos quadrado e armação grossa preto, batom e sapato de salto; (2) Professor jovem, camiseta polo verde, listada, calça bege	Em pé, ensina, fala, apresenta material didático, aponta para projeção de slide	Sentados, organizados, silenciosos, uniformizados, riem, fazem lição	Quadro negro com matéria, fileiras com carteiras, ordenadas e limpas, datashow e projeção de slides.
Secretaria de Educação do Ceará	1 min.	15s	25	2	(1) Professora, jovem, jeans escuro, camisa florida, manga curta, cabelos presos; (2) Professora, meia idade, avental branco, óculos de grau	Em pé, fala, ri, ensina, debruçada sobre carteira de aluno, orienta, material nas mãos, livros aberto, distribui livro, apontam para o quadro negro	Sentados, silenciosos, atentos, escrevem no caderno, rindo, seguram livros abertos, uniformizados, organizados	Quadro negro com matéria, fileiras com carteiras, ordenadas
Governo do Distrito Federal	1 min.	22s44	38,3	2	(1) Professor de avental e camisa listada; (2) Professora, meia idade, avental, camiseta branca, calça jeans, cabelo preso	Em pé, caminha entre fileiras, fala, livro aberto	Uniformizados, organizados, sentados, atentos às explicações, fazem anotações, duas alunas conversam, livro aberto e sorriem	Quadro negro com matéria, fileiras com carteiras, ordenadas
Governo do Estado de São Paulo	1 min.	35s65	60	9	(1) Professora, meia idade, jeans, avental, blusa escura, cabelo curto, óculos de grau; (2) Professora loira, meia idade, usa avental; (3) Professora, meia idade, cabelo preso, rabo de cavalo, avental; (4) Professora jovem, jeans, avental, cabelo solto; (5) Professora, meia idade, cabelo chanel, avental fechado, óculos de grau; (6) Professora, meia idade, avental, cabelo chanel, vestido azul, óculos de grau; (7) Professora, meia idade, cabelo curto, óculos de grau, jeans; (8) Professora, avental fechado, blusa verde; (9) professora, rabo de cavalo, avental.	Fala, supervisiona, distribui material, caminha, circula entre alunos e carteiras, explica matéria na lousa com a régua, inclinada sobre carteira do aluno, aponta material, ensina, tira dúvidas	Faz lição, resolve exercício na lousa, levanta a mão, atento à explicação, comprometido na resolução de exercícios, lendo livros, escreve em cadernos, sentados, organizados, ouvem	Quadro negro com matéria, fileiras com carteiras, ordenadas
Secretaria de Educação de Santa Catarina	30s	6s	20	1	Professora, meia idade, camisa rosa e manga longa, colar de pérolas, cabelo preso, franja solta, óculos de grau	Sorri, orienta aluno na carteira, segura uma das pontas do livro de um aluno	Livro aberto, segura lápis, fazem lição, são atendidos, sorriem	Fileiras com carteiras, ordenadas, limpas
Secretaria Municipal de Educação de São Paulo	30s	18s	60	3	(1) Professora, meia idade, usa avental fechado, camisa rosa claro de manga curta; (2) Professora na casa dos 30 anos, camisa branca, avental bege, manga longa e dobrada, calça jeans e bota; e (3) Professora, meia idade, cabelo curto, não usa avental	Chamada oral, em pé, explicação de matéria da lousa, tira dúvida dos alunos, confere e acompanha atividades dos alunos, segura livro	Alunos sentados, enfileirados, respondem chamada oral, aluno se levanta com a mão erguida	Quadro negro com matéria, fileiras com carteiras, ordenadas, segundo ambiente, com mesas longas, vários alunos em volta
Prefeitura de Florianópolis	29s	13s15	44,8	4	(1) Professora, na casa dos trinta, camisa branca, sem gola, com todos os botões fechados, manga curta, brinco pequenos; (2) Professora, meia idade, blusa verde clara e calça bege, cabelos presos; (3) Professor, meia idade, óculos de grau, calça jeans, camiseta polo azul; (4) Professora, jovem, calça jeans, camiseta amarela, sapato preto, cabelo preso	Professora faz perguntas aos alunos, segura livro aberto, se inclina sobre carteira de aluno, segura caderno, atende a solicitação de aluno, faz observação em relação a matéria, sentada no chão entre os alunos	Sentados, uniformizados (alguns não), levantam as mãos, faz pergunta, chama a professora	Mesas redondas, mais de um aluno por mesa, lousa, estante de livro, sala diferente, com mesas maiores, colorida
Governo do Estado de São Paulo	30s	8s	26,7	3	(1) Professora, meia idade, avental sem manga e branco, fechado, camisa rosa de manga curta, cabelo vermelho e curto, usa óculos; (2) Professora, jovem, cabelo curto, calça preta, camisa rosa, brinco de argola, avental; (3) Professora, meia idade, óculos de grau, cabelo curto, camisa florida, mangas dobradas, avental branco aberto, brinco de argola pequenos	Explica conteúdo da lousa, usa uma régua de madeira, circula entre alunos, olha e confere caderno dos alunos, sentados, em silêncio, riem, escrevem no caderno, guarda material na mochila, observa a professora	Sentados, faz anotação, livro aberto, atentos à explicação	
Governo do Estado de São Paulo	30s	4s83	16,7	2	(1) Professora, jovem, cabelo curto, calça preta, camisa roxa, brinco de argola, avental; (2) Professora, meia idade, óculos de grau, cabelo curto, camisa florida, mangas dobradas, avental branco aberto, brinco de argola pequenos	Auxiliam os alunos, agachadas, circulam, falam	Uniformizados, retiram o material da mochila, faz lição, ouvem atentamente, organizados	Mesas redondas, mais de um aluno por mesa, lousa, estante de livro



Em relação ao comportamento destes docentes, em primeiro lugar, nota-se que à exceção de um caso em específico, em que a mestra está sentada no chão junto dos aprendizes, eles estão sempre em pé. Na grande maioria das tomadas estão falando, ora com um livro na mão, ora com uma régua, ora fazendo menção às anotações da lousa. Uma boa quantidade de registros revela também o professor inclinado sobre a carteira dos alunos, como se estivessem orientando. Há ainda as captações em que eles caminham entre fileiras, observando os estudantes, na condição de supervisores e vigilantes, ou simplesmente distribuindo material didático.

As *imagens* deixam claro o papel de autoridade que lhes cabe. São os detentores do conhecimento, os condutores das salas, aqueles que dizem, orientam, transmitem conhecimento. Sempre estão em posição elevada em relação à platéia e, vez por outra, iluminam individualmente.

Os alunos, por sua vez, não falam. Dos incontáveis enquadramentos em que são revelados no transcorrer dos 10 filmes, em apenas três eles quebram o silêncio. Assim mesmo, em situações bem específicas. Em duas delas, respondem à chamada oral, aos desafios lançados pela professora. Na outra duas meninas estão sentadas juntas, com um livro aberto, e agem como se fizessem comentários a respeito da matéria.

Se os mestres estão em pé, os estudantes invariavelmente se encontram sentados. Sequer uma cena mostra configuração distinta. Além disso, eles estão sempre uniformizados, ordenados e organizados. Dividem suas ocupações basicamente em prestar atenção ao que é ensinado (quase sempre estão assim), fazer lição, levantar a mão seja para perguntar ou responder, receber orientação em seu próprio local de estudo e sorrir.

Cabe destacar que os alunos são apresentados em condição passiva em relação aos professores. Obedientes, pedem autorização para tudo, só se dirigem ao mestre em situações extraordinárias e assim mesmo se a palavra lhes for concedida. Posicionados em situação inferior, num patamar mais baixo (até porque sentados), apenas na cena já citada se encontram em situação de igualdade. De resto, não participam de um diálogo, não são envolvidos em um ambiente de reciprocidade e são, em última instância, platéia.

Verifica-se, por fim, uma forma padronizada de compor a sala de aula. Em todos os vídeos, sem exceção, há quadro negro - por sinal, devidamente preenchido com fórmulas, teoremas, conceitos e testes - e, por consequência, giz. Cada um dos filmes



apresenta também pelo menos uma cena em que são registrados conjuntos de carteira e cadeira individuais, organizadas em fileiras. Há, entretanto, tomadas eventuais de mesas coletivas.

Outro elemento que está presente com substancial frequência nestes ambientes é o material didático. Não existem tomadas de alunos em que eles estão desacompanhados pelo menos de um caderno e lápis (ou caneta). Não se furta ainda das imagens, o livro, caderno de atividades ou apostila, que estão sempre e necessariamente abertos.

Conclusão

O resultado da análise dos filmes publicitários criados por governos municipais e estaduais de diferentes regiões do Brasil indicou uma tendência à padronização da imagem constituída e veiculada do professor, do aluno e da sala de aula. Apesar das realidades variadas, das diferentes demandas que caracterizam cada um destes entes administrativos, os cenários, os tipos físicos e os comportamentos mantêm uma unidade. Se suprimidos alguns poucos elementos de cada uma das peças, como logotipos e slogan, poderia haver uma perfeita substituição de umas pelas outras. Mais do que isso, arriscamos dizer que nem o telespectador mais atento seria capaz de diferenciar quais filmes dizem respeito a quais governos.

Ao mesmo tempo, esta forma padronizada de representação do ambiente educacional vai ao encontro de um modelo tradicional de ensino, que ao longo das últimas décadas sofre constantes críticas. Por intermédio dele, meios menos democráticos de fazer valer o processo de aprendizagem são exercitados. Não há diálogo entre professores e alunos e, inclusive, estes últimos sequer têm voz. Os mestres têm o poder da palavra e, em sua performance em favor do conhecimento, dirigem-se à platéia ávida, atenta ao que existe de descoberta neste ato. Nele a ordem e a disciplina assumem papel essencial.

Ainda que talvez tais peças de comunicação atendam a certos requisitos estéticos, parece apropriado retomar o vocábulo *vormachen* de interpretação dúbia utilizada por Benjamin em sua crítica à escola tradicional. Se na publicidade as ações já são naturalmente simuladas - porque nela o mais importante é a aparência -, nas



publicidades sobre educação a característica assume caráter duplo. Professores fingem ensinar, alunos fingem aprender, em um contexto escolar que fingimos ser real.

Bibliografia

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 4 edição, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Entrevista sobre Educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida**. Cadernos de Pesquisa, n. 137, v. 39, maio/agosto de 2009.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única – volume 2**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. **De la enseñanza al aprendizaje: desordenamientos educativo-comunicativos em los tiempos, escenarios y procesos de conocimiento**. Bogotá, Revista Nómadas, Nº 21, outubro de 2004.

HELLER, A. Sobre preconceitos e estrutura da vida cotidiana. In: **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, pp. 43-63 e 17-41.

LIPPMANN, W. Estereótipos. In: STEIMBERG, CH. (org.) **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1980.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **La educación desde la comunicación**. Buenos Aires, Norma, 2002.

ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. Tornar-se quem se é: educação como formação, educação como transformação. In: MARTINS, A.M.M *et alli*. **Nietzsche e os Gregos: Arte, Memória e Educação - V**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, pp.267-278.

SCHAFF, A. **Linguagem e conhecimento**. Coimbra: Almedina, 1974, Cap. III, pp. 247-268.